

Lima Barreto e Ferréz: resistência através da literatura

Lima Barreto and Ferréz: resistance through literature

Hélia da Silva Alves Cardoso¹

¹ Mestra em Estudos da Linguagem, área de concentração em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2024). Contato: heliacardoso88@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal estabelecer uma análise comparativa entre os escritores Lima Barreto e Ferréz, a partir das obras *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (2016) e *Capão Pecado* (2020) de ambos respectivamente. A primeira foi publicada em 1909 e traz uma narrativa em primeira pessoa de um jovem mulato e pobre do interior que anseia tornar-se advogado. E, logo descobre que a vida na cidade é muito mais difícil do que supunha. A segunda foi publicada em 2000 e traz a narrativa em primeira e terceira pessoa por meio de várias vozes, ambientada na favela do Capão Redondo. O cânone literário exclui os escritores, por escreverem para e sobre a classe baixa, os indivíduos invisíveis, a maioria minorizada pela sociedade. A metodologia utilizada será a de cunho bibliográfico, de natureza básica e com objetivo de pesquisa exploratório-descritiva, o recorte teórico irá abordar o cânone e a literatura marginal. Lima Barreto e Ferréz representam a voz da resistência, lutam contra uma sociedade onde as desigualdades são tão fortes.

Palavras-chave: cânone; Ferréz; Lima Barreto; literatura marginal.

Abstract: This work's main objective is to establish a comparative analysis between the writers Lima Barreto and Ferréz, from the works *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (2016) and *Capão Pecado* (2020) of both respectively. The first was published in 1909 and features a first-person narrative of a poor mulatto young man from the interior who yearns to become a lawyer. And, he soon discovers that life in the city is much more difficult than he thought. The second was published in 2000 and presents the narrative in first and third person through several voices, set in the favela of Capão Redondo. The literary canon excludes writers, as they write for and about the lower class, the invisible individuals, the majority of whom are marginalized by society. The methodology used is of a bibliographical nature: a basic nature and with the objective of exploratory-descriptive research, the theoretical

approach will address the canon and marginal literature. Lima Barreto and Ferréz represent the voice of resistance, fighting against a society where inequalities are so strong.

Keywords: canon; Ferréz; Lima Barreto; marginal literature.

Boitata, Londrina, 2024
Recebido em: 23/03/2024
Aceito em: 16/05/2024



Lima Barreto e Ferréz: resistência através da literatura

Hélia da Silva Alves Cardoso

Introdução

A literatura serve para muitas coisas, inclusive como via de escape para indivíduos que só teriam pela frente caminhos ilícitos, uma vez que “[...] a literatura é egoísta demais para ser dividida com o crime” (Ferréz, 2020, p. 14). E graças ao egoísmo desta que grandes escritores surgiram e surgem frequentemente e nos deixaram ou deixam obras memoráveis, como Lima Barreto, e o próprio Ferréz, Carolina Maria de Jesus, Emília Freitas, dentre tantos outros, esquecidos seja por questões de gênero, por cor, por ter origem humilde, pela linguagem utilizada em sua obra, por estarem à sombra de outros escritores privilegiados, seja por quaisquer outros motivos. A literatura também pode ser como um labirinto e dando uma curva podemos realizar grandes descobertas.

Esse trabalho tem como objetivo estabelecer uma análise comparativa entre os escritores Lima Barreto e Ferréz, a partir das obras *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909) e *Capão Pecado* (2000), pertencentes respectivamente aos autores mencionados. A primeira obra é ambientada no início do século XX e a segunda no início do XXI. Com um espaço temporal de quase 100 anos entre elas, podemos ver que mesmo na atualidade ainda há certo preconceito em relação a literatura de cada autor e é isso que procuraremos discutir aqui.

Lima Barreto é pré-modernista, e por ter sido um escritor mulato que se entregou a boemia e a bebedeira das noites cariocas, passando por inúmeros problemas de saúde e familiares. Teve sua genialidade apagada por muito tempo, inclusive pelos intelectuais de sua época. Por outro, temos, Ferréz que é Contemporâneo e produz uma literatura de linguagem coloquial com poética livre, a literatura marginal, a literatura das “quebradas” do Capão Redondo em São Paulo. Ambos os escritores, por serem negros e de origem humilde e por virem das classes baixas da sociedade, tiveram sua obra renegada por uma elite de literatos que ditam que obra merece importância e qual não é digna de entrar no *roll* literário.

A metodologia utilizada será de cunho bibliográfico, de natureza básica e com objetivo de pesquisa exploratória-descritiva, buscando apoio em referenciais teóricos que abordem sobre a importância da obra de ambos os escritores para o sistema literário brasileiro bem como eles próprios para um engajamento literário social cada vez mais livre. Assim, utilizamos, Ginzburg (2004), Bloom (2013), Barbosa (2012), Muzart (1995), Barbosa (2017), Rosa, Guedes e Leite (2019), Nascimento (2009), Camargo (2015) e Sugayama (2019). Abordaremos aqui o que nos diz o cânone literário brasileiro em que Lima Barreto deveria estar incluído e a literatura marginal propagada por Ferréz e uma biografia rápida dos dois escritores.

“A obra de arte tem por fim dizer que os simples fatos não dizem” (Barbosa, 2017, p. 205). É preciso ter escritores como Lima Barreto e Ferréz em nossa literatura nacional, autores que não recuam perante as adversidades impostas pela sociedade ao qual estão inseridos. Que enfrentam o meio social, que na maioria das vezes é totalmente contra eles e os



arrasta para baixo. No caso de Lima Barreto foi exatamente o que ocorreu. O autor se afundou nos problemas e morreu jovem, aos 41 anos de idade. Enquanto Ferréz se apropria do seu lugar – a favela que lhe oferecia uma vida de crime – e dá a volta por cima. São estes escritores que nos mostram a verdade nua e crua do nosso Brasil literário.

Procuraremos retomar a obra de Lima Barreto e trazer para o presente e, assim, comparar com a de Ferréz, analisando como mesmo tendo passado décadas da publicação de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* os mesmos problemas sociais pela qual o escritor satiriza e denuncia é revivida pelos personagens de *Capão Pecado*. A sociedade ainda é racista, e a literatura produzida por escritores menos abastados continua à margem.

2 O cânone literário

O cânone literário é conceituado como sendo um conjunto de escritos importantes, escritos pelos ditos intelectuais de acordo com uma escolha e partindo de critérios estabelecidos por uma minoria que escolhem a melhor obra e o melhor autor a ser estudado e que tem valor estético. Para Ginzburg (2004, p. 98), “[...] o conceito de valor pode ser examinado em articulação com a noção de cânone. O ensino universitário de atribuição de valor não se faz no vazio, mas em meio a um campo de referências historicamente firmadas”. A Teoria da Literatura admite que algumas obras possuem mais valor que outras, portanto a de mais valor são as que devem ser estudadas, as que possuem menos valor devem ser esquecidas do campo literário no ambiente acadêmico.

Entretanto, definir se uma obra tem mais valor que outra com pré-requisito muito das vezes no autor que as escreveu pode ser algo totalmente errôneo, cada obra tem seu valor, estabelecer tais critérios é o mesmo que censurar, que impor o que se deve ser estudado ou não. Se queremos ter cidadãos mais tolerantes uns com os outros é preciso deixar que o leitor escolha a leitura a seu critério. No entanto, entendemos também que certas obras têm mais impactos no cenário literário que outras.

O crítico Harold Bloom (2013) em seu livro *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*, defende radicalmente a ideia de um cânone tradicional sobre o que se deve ser lido nas instituições escolares. Para ele, os clássicos da literatura universal são imprescindíveis, como Shakespeare, Homero, Cervantes, Dante, Jane Austen, Virginia Woolf, Borges, Neruda, dentre outros, pois “[...] o valor estético pode ser reconhecido ou experimentado na prática, mas não pode ser transmitido aos que são incapazes de captar as suas sensações e percepções” (Bloom, 2013, p. 31). Vemos claramente que Bloom prioriza o valor estético na literatura, assim, a estrutura formal das obras e autores intelectuais moralmente reconhecidos na sociedade, são os que realmente devem ser estudados e propagados pelos docentes e literatos.

Todavia, se formos analisar bem a obra de Bloom (2013) encontramos falhas no que tange o fato de não citar obras de autoria brasileira, o crítico reconhece que a literatura brasileira apesar de derivada da portuguesa, conserva escritores geniais, como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves de Magalhães, Castro Alves, Raul Pompeia dentre alguns outros poucos intelectuais considerados de acordo com a visão do crítico, como sendo capazes de estarem dentro da ideia de cânone. Mas, não cita a literatura brasileira em sua obra *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*, haja vista julga-se que ocidental deva incluir toda a literatura produzida no Ocidente, durante a escrita da obra



Bloom não encontrou tradutor para língua portuguesa, daí a exclusão. Assim, “o conjunto de obras que se apresenta como cânone ocidental não é ocidental; exclui a literatura brasileira e as literaturas cujos idiomas e sistemas são desconhecidos de Bloom” (Ginzburg, 2004, p. 104).

O fato é que Bloom foi um crítico literário muito radical, aceitando como verdade apenas sua opinião. E, afirmava quem merecia ser digno de ser lido e quem não, os que deveriam ser lidos nas instituições escolares, estes sim estão dentro do cânone. Na literatura canônica, entendemos que há uma elite por trás da tradição, é como se para ser lido é preciso que tanto o autor quanto a obra estejam vinculados a um padrão ditado por um conjunto de literatos pertencente à elite e que sejam moralmente conservadores. O cânone literário definido por Bloom é considerado autoritário, pois não derruba as barreiras sociais, pelo contrário, solidifica e restringe o acesso às obras.

No que diz respeito ao cânone da Literatura Brasileira, Barbosa (2012), nos diz que somente pode ser considerado a partir do Romantismo, uma vez que toda a nossa literatura antes desse período é de Literatura Portuguesa. Com o advento da Proclamação da Independência temos uma produção literária mais nacional e, é com os autores românticos que a ideia do cânone nos é firmada, pois “[...] onde melhor, e mais adequadamente, se exerce a escolha seletiva e econômica do autor é, sem dúvida, nos estudos consagrados ao Romantismo” (Barbosa, 2012, p. 23). E mesmo a nível nacional, a nossa literatura também é elitista. Coutinho (1996, p. 72 *apud* Ginzburg, 2004, p. 98), “[...] discutiu o caráter excludente da tradição canônica no Brasil, deixando segmentos culturais em segundo plano. É fácil de observar, nesse sentido, a situação do cordel, da tradição oral, dos registros indígenas.” Desse modo, Coutinho (1996 *apud* Ginzburg, 2004) nos informa sobre uma segregação dos textos literários dentro de nossa própria nação. Há uma elite minoritária que decide quais autores merecem destaque e quais não.

Ginzburg (2004, p. 98-99) ainda cita em seu artigo *Cânone e valor estético em uma teoria autoritária da literatura*, “na perspectiva de Roberto Reis, é necessário discutir por que em nosso cânone “há poucas mulheres, quase nenhum não-branco e muito provavelmente escassos membros dos segmentos menos favorecidos da pirâmide social” (Reis, 1992, p. 73 *apud* Ginzburg, 2004, p. 98-99). Entra neste *roll* de exclusão, a Literatura Marginal que será discutida na próxima seção deste trabalho. Entendemos que a literatura é para todos, mas este todo abarca uma infinidade de variáveis que não serão reconhecidas por toda a sociedade dentro da tradição do cânone, uma vez que esta exclui socialmente aqueles que ela julga inadequado para o público leitor em geral.

Para Muzart (1995, p. 86) estudar o cânone é ver suas várias ligações com outros feitos dominantes em determinada época, “dominantes ideológicas, estilo de época, gênero dominante, geografia, sexo, raça, classe social e outros. Aquilo que é canonizado em certas épocas é esquecido noutras; o que foi esquecido numa é resgatado em outra.” Como exemplo, temos Lima Barreto, que foi esquecido em sua época e está sendo resgatado nos últimos tempos.

“O porquê da canonização é complexo e ligado a muitos fatores, inclusive um que, eu chamaria de mesmice, o da facilidade: perseguir o estudo das mesmas autoras já consagradas, já canonizadas. Não se arriscar por mares nunca dantes navegados [...]” (Muzart, 1995, p. 86). Vivemos em pleno século XXI, a liberdade de escolha é maior em comparação ao passado, é



preciso acabar com a segregação literária, o estudo da literatura deve ser livre, é necessário o estudo dos clássicos, mas também é necessário o estudo de obras que vem das classes baixas. Ditar que tal autor é melhor que o outro é o mesmo que excluir, que censurar, que ser autoritário bem como afirma a teoria de Bloom e isso não é mais aceitável. É preciso mergulhar na literatura das maiorias minorizadas e discutir a grandeza dos textos literários que só a literatura proporciona e liberta.

3 A literatura marginal

De acordo com Candido (1988, p. 176 *apud* Rosa; Guedes; Leite, 2019, p. 2), a literatura é definida como algo que é, o mais amplo possível, englobando “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.” Vimos na seção anterior que o crítico literário Harold Bloom define a literatura como sublime, devendo ser entendida por poucos, bem como os autores padronizados segundo requisitos estabelecidos pela sociedade e obras moralmente estruturadas com linguagem adequada para as senhoras. Por outro lado, Antônio Candido compreende a literatura como libertária, que abarca a todos os públicos e põe todos os autores em um mesmo patamar de importância.

O cânone literário se construiu a partir de aspectos de uma elite que definia o autor e a obra que merecia destaque. Assim, em resistência a esta literatura classista surge uma literatura que ganha cada vez mais espaço no cenário literário, a literatura marginal. É uma literatura que surge nas periferias com leitores e escritores que compreendem o ambiente ao qual estão inseridos. Espaços estes onde na maioria das vezes a literatura erudita não chega. A nomeação de literatura marginal, origina-se do próprio termo “marginal”,

[...] significa muito para os autores que produzem a literatura periférica, porque um dos objetivos ao utilizá-lo para se referir à literatura nascente nas camadas sociais populares é justamente contrapor a ideia de ‘marginal’ enquanto sinônimo de ‘delinquente’ ou ‘bandido’ – adjetivos os quais comumente são utilizados pelas classes mais altas da sociedade ao se referir às pessoas que integram a periferia, a julgar, de maneira preconceituosa, a sua aparência e a sua condição econômica como diretamente ligada ao crime (Rosa; Guedes; Leite, 2019, p. 2).

A ideia de uma literatura que chega às camadas mais baixas da sociedade, é a literatura que deve perpetuar. O acesso à leitura deve ser sem discriminação de classe, cor ou quaisquer outros aspectos. A literatura marginal se põe como militante enfrentando um sistema literário que reconhece bons autores vindos da classe alta, sendo homens brancos heterossexuais. E, ao realizar essa divisão segrega cada vez mais os indivíduos. A literatura marginal também rompe com a estética que prioriza as “grandes literaturas” – a literatura que era defendida por Bloom – bem como os seus escritores e obras ditas melhores e que vale a pena está em estudo (Rosa; Guedes; Leite, 2019). Dessa maneira, a literatura marginal engloba inclusão:

Outro diferencial da literatura marginal é que ela é a escrita sobre o povo, pelo próprio povo; suas histórias não são baseadas em situações vistas de fora, como



mero espectadores, mas em situações vivenciadas de perto por aqueles que escrevem. Ademais, os autores da literatura marginal não tratam apenas da realidade social e do meio em que vivem, mas valem-se de uma linguagem própria, ligada às experiências da oralidade e da performance, como no caso do rap. Diante disso, para ganhar mais visibilidade, essa literatura se difunde no meio das próprias periferias, através da realização de saraus literários, os quais dão oportunidade para que novos talentos se manifestem também. Basicamente, a literatura marginal é um tipo de literatura que objetiva não apenas elaborar livros que cativem os leitores, mas, principalmente, dar ‘voz’ às minorias, demonstrando que a literatura funciona como instrumento de participação social (Rosa; Guedes; Leite, 2019, p. 3).

É como se as “altas literaturas” excluíssem os leitores periféricos por crerem que estes não compreenderão a linguagem da mesma, e estes mostram por meio da literatura marginal o contrário, pois compreendem que a literatura deve servir para unir os indivíduos e não os separar. A literatura periférica dá voz a quem nunca teve e que anseia ser ouvido. É a voz dos marginalizados, uma maioria minorizada por sua classe social, pelo seu gênero e/ou pela sua cor. Quando a literatura marginal eleva a voz desses indivíduos periféricos, ela não apenas os traz para o centro do mundo literário, ela também “funciona como instrumento de participação social”. Podemos dizer que o engajamento social na periferia termina muito das vezes sendo maior que a literatura nos espaços “socialmente corretos”. Além de que na literatura marginal não precisa de um “padrinho” para adentrar no universo dos escritores, haja vista todos ali naquele meio são iguais.

Para Nascimento (2009), a literatura marginal tornou-se nos últimos tempos uma espécie de rubrica ampla que abrange a inserção dos escritores periféricos no mercado editorial, caracterizando os produtos literários em um tipo de produto literário-cultural, além de mostrar a condição social do escritor. A literatura marginal proporciona aos indivíduos periféricos não apenas o desenvolvimento da leitura, mas também o cultural, fazendo com que o caminho do crime – muito comum em ambientes de extrema pobreza – se transforme em um espaço cultural e que os jovens possam conquistar altos voos e ficarem longe da vida ilícita.

São exemplos de escritores marginais, Ferréz, rapper e empreendedor que será analisado nesse trabalho em um estudo comparativo com o pré-modernista Lima Barreto; Sérgio Vaz, poeta, fundou nos anos 2000 a Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), em São Paulo; Sacolinha, apelido do poeta marginal Ademiro Alves de Sousa; Carolina Maria de Jesus; Geovani Martins; dentre tantos outros que levam o nome da periferia para o mundo e mostram que esta, também produz talentos singulares.

A apropriação da literatura marginal pelos escritores da periferia tem por finalidade expor um leitor de perfil bem específico e particular, fazendo com que o processo de leitura seja mais dinâmico, haja vista os autores são originários das classes populares, são rappers, ex-presidiários, indígenas e mulheres – mesmo que até então em menor número. As temáticas dos textos fazem parte do cotidiano destes indivíduos periféricos, em suma, são sobre carência, pobreza, violência, conteúdo que tenha relação com estes espaços e os sujeitos pertencentes a ele (Nascimento, 2009). Entendemos que a literatura marginal promove a inclusão dos sujeitos no meio literário, ampliando este campo e com isso provoca a inserção de novos valores e vozes, principalmente, as que provavelmente nunca seriam ouvidas pela sociedade moralmente correta e letrada.



4 Lima Barreto: Um pouco sobre o jovem mulato, boêmio e tímido

No dia 13 de maio de 1881 no Rio de Janeiro, nascia Afonso Henriques de Lima Barreto, mais conhecido popularmente como Lima Barreto, filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta, como foi descendente de escravos o menino sentiu na pele o preconceito racial e social, inclusive no meio acadêmico, o que provavelmente fez com que tais fatos o levaram a ter problemas com alcoolismo e a internação pelo menos duas vezes em hospícios.

Lima Barreto foi jornalista e escritor, publicou em vida e postumamente: romances, contos, crônicas, sátiras e inúmeras obras em periódicos populares ilustrados da época e anarquistas do início do século XX. Podemos ver que sua fama se consolidou mais após sua morte, uma vez que, enquanto vivo era considerado bêbado e alcoólatra, com a redescoberta de grande parte de sua obra através do pesquisador Francisco de Assis Barbosa e outros, vemos o quão grande foi se tornando o escritor, e hoje é um dos mais importantes no cenário literário brasileiro.

O escritor ansiava viver da literatura, mas o meio literário fechou suas portas, juntando a esse fato, tem-se a doença mental do pai, a atmosfera política do Brasil nas primeiras décadas do século XX e o cenário mundial, uma vez que estávamos em 1914 e prestes a estourar a Primeira Guerra Mundial. No nacional, o recém Brasil República, além do problema por sofrer preconceito racial, timidez extrema, tudo isso representava a beira de um imenso abismo que o empurrou cada vez mais em direção ao alcoolismo.

Seu primeiro livro publicado foi *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* em 1909 e que será analisado nesse trabalho em um estudo comparativo, todavia o livro mais conhecido do autor e o preferido pela crítica literária é *Triste fim de Policarpo Quaresma* de 1915. Lima Barreto está inserido no Pré-Modernismo Brasileiro, assim, sua obra é repleta de ironia e diferenças sociais e raciais, realizando sempre uma crítica à sociedade brasileira. O primeiro livro representa uma obra em tom autobiográfico, acompanhamos a trajetória de um jovem mulato, Isaiás Caminha, que sai do interior para a cidade em busca de estudar e sofre sérios preconceitos raciais, bem como sofreu o próprio Lima no que diz respeito ao “peso” de ser mulato numa sociedade onde o processo de escravidão se encontrava recém abolido. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* faz uma crítica à sociedade e satiriza o jornalismo carioca.

Já em *Triste fim de Policarpo Quaresma* vai narrar como ficou a vida política no Brasil após a Proclamação da República. Mostrando como os ideais e as frustrações de Policarpo Quaresma, um funcionário público que é um ser metódico e um nacionalista fanático, ao tempo em que também é ingênuo e sonhador, está se adaptando à nova situação nacional. A obra traz ademais uma rica descrição sobre o cenário social e humano dos subúrbios do Rio de Janeiro em plena virada do século XIX para o XX.

Lima Barreto preferiu utilizar uma linguagem mais simples e coloquial, o escrever brasileiro, ignorando regras gramaticais o que só o fez ser mais afastado pelos acadêmicos e conservadores do Realismo-naturalismo. A preocupação maior em suas obras é para os fatos históricos e costumes sociais. Por escrever sobre a vida cotidiana das classes populares e fora do padrão vigente, veio a receber duras críticas dos letrados tradicionalistas da época. Nada o



fez parar, nem se submeter aos ideais dos conservadores, continuou falando sobre injustiças sociais e dificuldades das primeiras décadas da República. Dificuldades estas, principalmente para as classes populares (Barbosa, 2017). O autor nos informa que:

Na hora da derrota, da suprema humilhação, era na literatura que Lima Barreto pensava. Contemplando aquele espetáculo de miséria física e intelectual, em que os homens se rebaixavam à condição de verdadeiros animais, como o naufrago que não perdeu ainda de todo a esperança, ele pedia: ‘Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela’ (Barbosa, 2017, p. 197).

Lima Barreto tentou três vezes ingressar na Academia Brasileira de Letras, sendo a terceira em 1921 e ele próprio desistiu da candidatura antes das eleições. Em 1º de novembro de 1922 no Rio de Janeiro o escritor boêmio e tímido saía de cena, faleceu aos 41 anos depois de um colapso cardíaco no bairro de Todos os Santos, em sua casa. Seu pai veio a falecer dois dias depois. Os restos mortais de ambos estão no cemitério São João Batista, mesmo lugar onde se encontra o mausoléu dos imortais da Academia Brasileira de Letras.

5 Ferréz: Direto das quebradas de Capão Redondo-SP para o mundo

Nascido Reginaldo Ferreira da Silva, no Valo Velho, na Zona Sul de São Paulo, em 1975. É romancista, empreendedor, contista e poeta, mais conhecido pelo nome artístico, Ferréz. Fundou o 1DaSul um grupo que promove eventos e ações culturais na região do Capão Redondo, ligado ao movimento de hip-hop. Além de trabalhar com crianças da Zona Sul na ONG Interferência. É fundador também da Selo Povo, editora independente com intuito de lançar jovens escritores periféricos. E em 2021, criou o Avesso podcast juntamente com os Estúdios Flow:

Ferréz é um cangaceiro.

Na certidão de nascimento, está assinado Reginaldo Ferreira da Silva. Filho de motorista baiano e de empregada doméstica nascida em Minas.

Nas obras e nos tramos que faz, popularizou a alcunha de Ferréz. Uma mistura do “Ferre” de Virgulino Ferreira, o Lampião, e o “Z” de Zumbi dos Palmares.

Ferréz não está sozinho, mano.

Está sempre muito bem ladeado (Ferréz, 2020, p. 135).

Ferréz publica suas obras dentro da literatura marginal, a que é desenvolvida na periferia e que trata de temas relacionados a este universo. Assim, a linguagem utilizada por ele é a coloquial, a variante linguística presente na periferia de São Paulo. Já publicou onze livros, entre eles, o primeiro foi *Fortaleza da Desilusão* de 1997, seguido de *Capão Pecado* de 2000, o qual será analisado nesse trabalho, *Manual prático do ódio* de 2003, *Ninguém é inocente em São Paulo* de 2006, *Deus foi almoçar* de 2012, *Os ricos também morrem* de 2015, dentre outros. Logo:



Podemos considerar Ferréz um ponto fora da curva, por não ter sucumbido, como muitos dos seus, ao crime organizado, – que poderia até proporcionar certa autoestima e reconhecimento em dada comunidade, além da possível morte prematura – nem ao emprego destinado aos que não tem a qualificação exigida pelo mercado de trabalho, que somado ao fato da remuneração inadequada acaba por não oferecer sentidos relevantes para a vida (Sugayama, 2019, p. 23).

Compreendemos que o escritor fez de sua possível vida no crime uma curva e abrigou-se no universo literário, onde pôde se salvar e continuar salvando vidas através da arte e da cultura. Por meio de projetos sociais Ferréz incentiva os jovens da periferia a seguirem o caminho do morro para o mundo de modo que apareçam na mídia mostrando que o espaço ao qual vivem produz talentos importantes para a cultura do país e não jovens armados traficando drogas e comandando o crime organizado. “A literatura como elemento da cultura, fruto de relações sociais, expressa muito sobre quem somos e constrói, também, modos de ser” (Sugayama, 2019, p. 27). Ferréz mostra que nos espaços das favelas também nascem jovens com anseios de mudar o mundo, bem como ele, de transformar um espaço de crime em um ambiente seguro e isso é possível com a disseminação da cultura.

“Ferréz seguiu, confiante. Criou para si um futuro brilhante, apesar do perigo. Apesar das barreiras. [...] Nunca se deu por vencido” (Ferréz, 2020, p. 136). Atualmente Ferréz pode ser encontrado nas redes sociais, onde divulga seus trabalhos sociais e literários, ele tem um blog, mas a última atualização é de maio de 2020, ou podemos também ouvi-lo no Avesso Podcast, um programa da Associação Interferência e realizado em parceria com os Estúdios Flow, são várias entrevistas com personalidades da cultura artística e ativistas sociais, além de temas que estão ligados a sociedade. Suas obras já foram traduzidas na Itália, Inglaterra, Alemanha, Portugal, França, Espanha e Estados Unidos.

6 Esquecidos da Literatura pelo cânone e pela elite, mas, pelo povo, não!

Fazem parte do cânone literários escritores homens, brancos, ricos ou de alguma posse financeira, héteros e moralmente “compadecidos e comprometidos com a sociedade”, podemos nos referir àqueles que pregam a moral e os bons costumes segundo padrões estabelecidos por uma sociedade patriarcal:

Se, no caso das literaturas europeias e norte-americana a fixação de cânones literários resultou do aparecimento de grandes ensaios de interpretação da herança cultural do Ocidente, quase sempre movidos por um forte apelo classicizante, dando como resultado uma rígida hierarquização de gêneros, raças e modelos culturais, que somente será abalada pelos movimentos multiculturais de anos recentes, no caso brasileiro a formação do cânone literário seguiu, de bem perto, o próprio desenvolvimento de nossas relações de dependência e de autonomia com vistas às fontes metropolitanas (Barbosa, 2012, p. 17).

Se este cânone foi fixado nas regiões metropolitanas, como explicar escritores que estão localizados neste espaço urbano, mas que foram totalmente ignorados por seus companheiros literários em sua época ou até mesmo na atualidade? Podemos afirmar que os escritores esquecidos não estão incluídos neste padrão definido pela sociedade. Lima Barreto e Ferréz são de épocas diferentes, porém de regiões urbanas, o primeiro viveu em um Rio de



Janeiro como capital do país, o segundo habitante de umas das maiores metrópoles do país, São Paulo.

O fato de ambos serem deixados de lado pelos literários de suas respectivas épocas é por motivos de classe e racial. Pretos, pobres e periféricos. Lima Barreto ainda tinha mais um agravante, os sérios problemas de saúde tanto familiar quanto próprios, o alcoolismo e os problemas mentais, o fazia ser esquecido pelos companheiros da literatura pré-modernista. Ferréz propaga a literatura marginal na periferia do Capão Redondo para o mundo, mesmo sendo muito lido e traduzido para outros idiomas, segue sendo ignorado pelos literários da atualidade, porque não se encaixa no que dita à literatura erudita, a literatura dos clássicos de linguagem esteticamente formal.

Sobre o modo de escrever de Lima Barreto, Barbosa (2017, p. 162) nos diz o seguinte: “[...] não podia, pois, recuar, e não recuaria. A literatura, na sua concepção, tinha que ser militante, visando a objetivo certo e definido, e não uma “literatura contemplativa... cheia de ênfase e arrebiques...” falsa e sem finalidade”. Não importava se ele não fosse convidado a fazer parte de um ciclo de literários, a sociedade não iria dizer o modo como ele deveria escrever, infelizmente lamentamos por ele não viver o suficiente para ver o como sua obra hoje é aclamada. Barbosa (2017) nos afirma que Lima Barreto poderia ter sido o novo Machado de Assis, afinal era contemporâneo do mesmo e vinham da mesma cidade, porém Machado escrevia literatura de linguagem culta e não era um bêbado, além de ter tido uma ajudinha na carreira literária, sendo apadrinhado por Joaquim Alberto de Sousa da Silveira.

Editado em Portugal através da intervenção do amigo Antônio Noronha Santos, *Recordações do escrivão Isaías Caminha* foi publicado em dezembro de 1909, é o primeiro romance de Lima Barreto e, portanto, por ser sua estreia o escritor imaginava causar verdadeiro escândalo no meio literário. A narrativa se passa em uma redação de jornal, onde um rapaz muito inteligente, honesto, mulato e de origem humilde, sai do interior com anseios de formar-se em direito, mas a vida na cidade do Rio de Janeiro – capital do país na época – se mostra bem mais segregada para com indivíduos de “cor”, “o Rio era uma cidade grande, cheia de riqueza, abarrotada de egoísmo, onde eu não tinha conhecimentos, relações, protetores que me pudessem valer [...]” (Barreto, 2016, p. 10).

A obra conta também com o tom satírico de Lima Barreto para com alguns principais jornalistas da época, sem papas na língua ele vai narrando como é o ambiente dentro de um jornal. Isaías ver-se sem amparo na cidade, sem conseguir entrar na faculdade de Direito e com vergonha de retornar ao lar interiorano sem nenhuma glória alcançada, então aceita o trabalho no jornal, tal fato faz com esta seja sua profissão. Se o escritor queria um escândalo, ele conseguiu. O romance foi o seu ponto fraco, tornando-se uma obra ofensiva para os padrões da sociedade da época e sendo praticamente ignorada. Para os pouquíssimos que leram, criticaram em unanimidade, afirmando ser a obra mais um desabafo que um livro digno de ser lido:

Os livros nas redações têm a mais desgraçada sorte se não são recomendados e apadrinhados convenientemente. Ao receber-se um, lê-se-lhe o título e o nome do autor. Se é de autor consagrado e da facção do jornal, o crítico apressa-se em repetir aquelas frases vagas, muito bordadas, aqueles elogios em clichê que nada dizem da obra e dos seus intuítos; se é de outro consagrado mas com antipatias na redação, o



cliché é outro, elogioso sempre mas não afetuoso nem entusiástico (Barreto, 2016, p. 167).

Neste ponto o escritor critica tanto os escritores, aqueles que precisam de um padrinho para terem sucesso, como a própria classe de jornalistas que fazem quem eles bem quisessem que faça sucesso no campo literário. Segundo Camargo (2015, p. 61), “[...] a liberdade, tanto financeira quanto intelectual, só seria possível se os escritores pudessem publicar e ter condições de que seus livros fossem comercializados, o que, portanto, dar-lhes-ia respaldos para que se dedicassem apenas às atividades literárias.” Tudo estava contra Lima Barreto, não tinha um padrinho literário, era pobre e mulato, ao tempo em que como bem nos fala Barbosa (2017) ele não queria está refém do sistema literário-social, onde os escritores muito das vezes eram obrigados a escrever segundo padrões estabelecidos pela sociedade, ele queria liberdade de escrita, ninguém lhe diria como escrever:

O pensamento comum dos empregados em jornais é que eles constituem, formam o pensamento do nosso país, e não só o formam, mas ‘são a mais alta representação dele’. Fora deles, ninguém pode ter talento e escrever, e, por pensarem assim, hostilizam a todos que não querem aderir à sua grei, impedem com a sua critica hostil o advento de talentos e obras, açambarcam as livrarias, os teatros, as revistas, desacreditando a nossa provável capacidade de fazer alguma coisa digna com as suas obras ligeiras e mercantis (Barreto, 2016, p. 168).

A crítica acima é direta aos jornalistas da época que detém o poderio de que somente eles têm o talento de escrever, “são a mais alta representação” da escrita, assim, caso algum livro chegue à redação e eles julgam que o escritor não tem talento algum e sendo este desfavorecido de posses, a carreira literária acaba ali mesmo. Lima Barreto se põe em condição de confronto com este sistema literário e editorial da época, faz de sua literatura um meio de denúncia sobre as dificuldades de publicar e o sentimento de desvalorização perante os seus escritos e de outros colegas de profissão que passavam pelo mesmo problema. Era preciso, na visão do escritor que o mercado editorial brasileiro fosse mais aberto e democrático (Camargo, 2015).

Outra crítica em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* é sobre o preconceito racial, neste ponto temos a nítida confirmação de que realmente a narrativa é mais um desabafo de Lima Barreto acerca de tudo o que o próprio escritor passou enquanto pobre, mulato e ignorado por seus “colegas” literários. Temos uma narrativa em primeira pessoa, acompanhamos todo o desenrolar da ficção sob a perspectiva do Isaías e, assim, vamos conhecendo-o e participando do seu dia a dia, das suas aventuras e desventuras na cidade do Rio de Janeiro desde o momento em que chega com anseios de ingressar na faculdade de direito. Trazia na mala sonhos e uma carta do coronel como recomendação para um certo deputado de nome Castro, que deveria lhe ajudar. Mas, a vida no interior ao lado da família é totalmente diferente da vida na capital e Isaías logo percebeu o quão a sua cor incomodava muita gente:

As minhas idas e vindas ao hotel repetiam-se e não o encontrava. Vinham-me então os terrores sombrios da falta de dinheiro, da falta absoluta. Voltava para o hotel taciturno, preocupado, cortado de angústias. Sentia-me só, só naquele grande e



imenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos.

[...]

Todo o dia ia ao hotel, cheio de alacridade, figurando comigo mesmo ao encontro com o deputado, imaginava-lhe a bondade do acolhimento, a piedade e a simpatia pelo meu estado e pelos meus desejos. Imaginava-me daí a dias empregado, num lugar modesto, de renda certa, dentro de um mês indo à faculdade, as atribuições do trote, os apertos do exame, os anos seguindo-se, as notas, os lentes, a tese, a formatura... [...]

Entreguei-lhe a carta. Leu-a num instante, tendo na testa uma ruga de aborrecimento.

[...]

E assim fomos conversando: ele falsamente paternal e eu, à medida que o diálogo se prolongava, caloroso e eloquente.

[...]

Conversavam; discutiam os casos políticos e os de polícia, enquanto eu lia. Num dado momento, na segunda página, dei com esta notícia: ‘Parte hoje para São Paulo, onde vai estudar a cultura do café, o doutor H. de Castro Pedreira, deputado federal. Sua Excelência demorar-se-á...’

Patife! Patife! A minha indignação veio encontrar os palestradores no máximo de entusiasmo. O meu ódio, brotando naquele meio de satisfação, ganhou mais força. Num relâmpago, passaram-me pelos olhos todas as misérias que me esperavam, a minha irremediável derrota, a minha queda aos poucos – até onde? até onde? (Barreto, 2016, p. 42-56).

Isaías se encontra totalmente sozinho e desamparado seguido a este trágico evento, ainda é surpreendido pelo delegado e tendo que se apresentar na delegacia com urgência, o hotel no qual estava hospedado sofreu um assalto e ele como a maioria dos negros, logo foi indicado como possível ladrão, pois era pobre, mulato e desempregado e, ainda dizia ser estudante de direito, ora um mulato pobre sendo doutor? O mundo estava perdido! Na delegacia é tratado pejorativamente como “mulatinho”, “um epíteto daqueles feria como uma bofetada” (Barreto, 2016, p. 63).

Com vergonha de retornar ao lar materno sem conquista alguma, Isaías vai levando a vida na cidade, às vezes passando com apenas uma refeição por dia, outras sofrendo na pele o preconceito por não ter pele branca e, quando surge o emprego na redação do jornal *O Globo*, a princípio é o faz-tudo, mas aquele que vê tudo, todas as injustiças e discriminações que perpassam o ambiente da redação, mulheres pretas mortas nas favelas e sem nenhuma repercussão, ao passo que morre uma branca e vira manchete, como Isaías narra:

Aires d'Ávila chegou mesmo a escrever um artigo, mostrando a necessidade de ruas largas para diminuir a prostituição e o crime e desenvolver a inteligência nacional.

[...]

Ao ser apresentado, ninguém lhe deu importância, mesmo porque dias antes houvera um crime sensacional, que monopolizara a atenção da cidade.

Eu tinha feito o serviço de dia e ia sair. Seriam cinco para as seis horas, quando o Lemos, repórter de polícia, entrou ofegante, e deslumbrado. Chegou e falou ao secretário, nervoso de contentamento, com a palavra entrecortada, oprimido de felicidade:

— Um crime! Um grande crime!

— Onde?



— Em Santa Cruz, nos campos de São Marcos... Uma mulher e um homem foram encontrados mortos a facadas e decapitados... Vestiam com luxo... Parecem pessoas de tratamento [...]

Um mistério!

Todos os circunstantes ouviram estupefatos a breve narração do repórter. Depois de um curto silêncio, choveram as perguntas. Lemos nada sabia; recebera a notícia do Teixeira que estivera na polícia, onde pouco mais sabiam. A notícia viera de Santa Cruz pelo telégrafo... Leporace, que raramente saía de sua natureza de celentério, pôs-se nervoso e começou a dar as providências, a explorar o caso:

— Já um boletim [...] Já! (Barreto, 2016, p. 139-140).

E, nós vivendo em pleno século XXI percebemos que esta realidade, infelizmente ainda persiste. Um crime contra negros é dado sem importância, ao passo que se a vítima for branca, o caso toma proporções inimagináveis. Lima Barreto passou por vários episódios de humilhações durante sua curta vida e isso reflete diretamente na narrativa de *Recordações do escrivo Isaias Caminha* e podemos ver claramente quando lemos. “Este também sentia-se um condenado por culpa da cor, proibido de viver, fechado o caminho da vida ‘por mãos mais fortes que as dos homens’” (Barbosa, 2017, p. 91). Estas mãos eram a do preconceito racial, tão mais forte em sua época.

Ferréz publicou seu segundo livro, *Capão Pecado* em 2000, a obra é dividida em cinco partes, são 92 anos de diferença de *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, mas as semelhanças entre os escritores são nítidas, como bem vimos Lima Barreto não se submeteu aos padrões de linguagem impostas pela sociedade de sua época para que pudesse entrar no *roll* literário. Não escrevia para a elite, falava dela, seus personagens eram os das classes baixas, indivíduos marginalizados pela sociedade por diversos motivos, sendo o principal a discriminação racial, uma vez que Lima Barreto vivia num país recém-abolido a escravidão e ele um mulato tentando estudar e ganhar a vida com literatura. Ferréz é preto, nasceu nas quebradas da favela do Capão Redondo em São Paulo, foi pobre, hoje com a repercussão de seu legado ajuda através de ações sociais meninos e meninas da periferia, propagando o valor da educação para pegar a estação contrária à do crime, que é tão comum nas comunidades periféricas.

Ferréz também não escreve para a elite, sua linguagem é a coloquial, é a falada pela maioria minorizada. A literatura marginal surgida nas periferias das grandes cidades e que aproxima os jovens da cultura, das artes, da leitura, é essencial e Ferréz reconhece tal importância. Para ele, a literatura marginal não é algo de modinha, que passará muito rápido, “[...] mas que, independentemente de obter legitimação ou não, ela veio para permanecer e fazer a diferença, sendo a voz daqueles que até então não tiveram nenhum espaço significativo na sociedade e, assim, servindo como um meio de sobrevivência e resistência” (Rosa; Guedes; Leite, 2019, p. 6-7). Pela escrita marginal o escritor milita contra um sistema literário que tende a julgar quem pode fazer literatura e quem não. Um sistema que defende uma linguagem culta nos textos e que esquece que a maior parte da população não compreenderá tão bem assim, esta linguagem, pois advém das classes baixas, os sem vozes desta sociedade tão desigual.

“Os *marginais* são formadores críticos e culturais, o que desestabiliza culturas hegemônicas pré-estabelecidas por minorias sociais” (Sugayama, 2019, p. 44). Torna-se uma literatura ignorada pela crítica literária culta, mas o contrário ocorre no meio em que esta



literatura permeia, *Capão Pecado* é um exemplo do sucesso da reprodução literária que vem das periferias, uma vez que já foi traduzido para o alemão, inglês, francês, italiano, espanhol e português de Portugal. Vemos aqui que não se trata de uma literatura esquecida, mas como bem estamos realçando, é uma literatura ignorada pela sociedade dita erudita, todavia nos meios onde ela encontra voz e vez não se esconde, se mostra e se liberta, ganhando adeptos que fazem com que as vozes da periferia ecoem cada vez mais altas.

Capão Pecado é uma obra pequena em quantidade de páginas e gigante em grandeza literária, Ferréz nos apresenta e nos guia por uma leitura fluída, de fácil entendimento utilizando a linguagem “das quebradas”, fato que faz com que o leitor se sinta mais confortável a passar lentamente cada página, desfrutando de um deleite literário inenarrável. Logo no Prefácio Ferréz já nos situa onde estamos adentrando, partindo do geral para específico: “universo. Galáxia. Via Láctea. Sistema Solar. Planeta Terra. Continente americano. América do Sul. Brasil. São Paulo. São Paulo. Zona Sul. Santo Amaro. Capão Redondo. Bem-vindos ao fundo do mundo” (Ferréz, 2020, p. 23). O autor apresenta sua obra da seguinte maneira:

Este livro é dedicado também a todas as pessoas que não tiveram sequer uma chance real de ter uma vida digna; que não puderam ser cidadãos, pois lhe impediram de ter direitos, mas lhe foram cobrados deveres. Àqueles que foram maltratados física e psicologicamente pela nossa ‘bem informada polícia brasileira’, àqueles que não foram alfabetizados e, portanto, não poderão ler esta obra, àqueles que, num momento de dor, se deram conta de que estão sozinhos e que o Estado é bem pago, mas não cumpre suas obrigações. Àqueles que padeceram num leito de hospital por não ter o dinheiro suficiente para serem tratados como seres humanos, àqueles que foram baleados e esfaqueados pelos próprios manos de pobreza; àqueles que sucumbiram à vontade de ter algo melhor, pois estavam cansados de viver na monotonia, e resolveram assim ter aquilo que a mídia clicou em suas mentes desde pequenos. Embora minha profissão para essas pessoas não tenha o menor sentido, este livro é também dedicado a elas (Ferréz, 2020).

O escritor faz questão de exaltar suas raízes, não se esquece de onde vem, ao falar sobre a comunidade de Capão Redondo ser o “fundo do mundo” faz uma crítica social, o modo como as periferias são invisíveis para a minoria da sociedade – a elite –, e esta exaltação também reflete em sua escrita, haja vista ele e todos os escritores marginais compreendem que são ignorados pela “literatura maior”, contudo Ferréz cutuca “[...] ‘querido sistema’, você pode até não ler, mas tudo bem, pelo menos viu a capa” (Ferréz, 2020, p. 25). É como se dissesse: Nós estamos aqui e você terá que nos engolir. Nós viemos para ficar! E segue falando sobre como é a vida na periferia:

Duas horas depois a Tático Sul chegou ao local, cobriu o corpo com um lençol pedido a uma vizinha. Ficaram comendo carniça por mais de seis horas quando o IML chegou e foi logo retirando o corpo. O pessoal nem estranhou o fato de os legistas não terem examinado o corpo, todos por ali já estavam acostumados com o descaso das autoridades (Ferréz, 2020, p. 48).



Ferréz traz para a sua obra personagens periféricos que a “literatura maior”¹ não enxerga. Em Capão Redondo há todo tipo de gente, há um conglomerado de pessoas morando em “uma grande cesta redonda”. Uma comunidade inteira invisível e que tem sua voz reproduzida através do grito do escritor. Segurança, item básico e garantido na Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988, art. 5) é sufocada pelas próprias autoridades nas comunidades periféricas, na visão da elite capitalista estes indivíduos não merecem atenção, direito ou qualquer item que seja gratuito:

Rael tentou se concentrar em Deus, mas pensou no que seria o céu... teria periferia lá? E Deus? Seria da mansão dos patrões ou viveria na senzala? Ele entendeu que tá tudo errado, a porra toda tá errada, o céu que mostram é elitizado, o Deus onipotente e cruel que eles escondem matou milhões; tá na Bíblia, tá lá, pensava Rael, mas apresentam Jesus como sendo um cara loiro. Que porra é essa, que padrão é esse? Rael chegou à conclusão mais óbvia: aqui é o inferno, onde pagamos e estamos pagando, aqui é o inferno de algum outro lugar e desde o quilombo a gente paga, nada mudou (Ferréz, 2020, p. 63).

A população periférica é composta em sua maioria por negros, algo iniciado no plano mirabolante de Dom João VI ao modernizar a capital do Império, Rio de Janeiro e que mais tarde perpetuou nas demais cidades, fazendo dos centros urbanos espaços modernos e dignos da elite e empurrando a população mais carente em direção a lugares precários e decadentes, geralmente para os morros, além de nenhuma infraestrutura como garantia de sobrevivência digna. Lima Barreto menciona esse processo de modernização no Rio:

Conheço muito o Rio... Quando fui para o Sul em 65, passei por aqui... O Imperador veio ver o desfilarmos do batalhão... Eu ia triste, pensava em morrer... Não morri, voltei, estou aqui... Está tudo mudado: Abolição, República... Como isso mudou! Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; botam abaixo, derrubam casas, levantam outras, tapam umas ruas, abrem outras... Estão doidos!!! (Barreto, 2016, p. 46).

O personagem Rael de Ferréz compreende que a abolição pode ter sido abolida, mas os negros continuam pagando uma dívida que parece não ter fim. “Um novo dia. Rael levantou da cama rapidamente e gritou: – Bom dia, Capão! Bom dia, Vietnã!” (Ferréz, 2020, p. 77). A comparação que Ferréz nos dá entre o Capão Redondo e o Vietnã é absurda para um leigo, mas quando procuramos a história do país, percebemos que a comunidade tem muitas semelhanças com o país asiático, além de uma superlotação populacional, entretanto, a principal é sem dúvida a de resistência. A Guerra do Vietnã travada entre o Norte e o Sul, com a vitória do primeiro, também pode ser chamada de Guerra de Resistência contra a América, o poderoso Estados Unidos e seus aliados não conseguiram que o Sul ganhasse. Assim, é a comunidade de Capão Redondo uma comunidade unida que luta contra um sistema opressor que os quer invisíveis, silenciados, porém, eles dizem constantemente não e resistem. Ferréz, tal qual Lima Barreto, faz de sua escrita instrumento de denúncia:

¹A literatura maior que trago entre aspas, diz respeito à literatura dos clássicos universais que crítico canônicos como Bloom afirma serem os únicos que merecem serem lidos, pois trazem uma linguagem erudita.



Os policiais adentraram a favela e ordenaram mão na cabeça. Matcherros estava com os cadernos na mão esquerda, um dos policiais engatilhou a arma e disse que se alguém corresse levaria bala. Bateram geral, perguntaram se era só ideia, se não estava rolando um baseado; China disse que era só ideia, um dos policiais lhe deu um tapa na cara, ele se injuriou e jogou uma trouxinha de maconha no policial. O capitão desceu do carro, pegou a trouxinha e perguntou se ele só tinha aquela. China disse que sim, o policial a pôs no bolso e começaram a bater geral em duas minas que desciam da Cohab. A morena mais gostosa teve as mãos do policial apalpando suas nádegas, suas pernas, seus seios firmes; o gambé² disse baixinho em seu ouvido.

— Acho que já ti vi lá na Aurora, hein, sua vadia?!

A morena nada falou, mas seus olhos se encheram de lágrimas.

Ao fundo Matcherros notou um gambé com o cacetete na mão, e mesmo com a cabeça baixa percebeu ser seu amigo Capachão (Ferréz, 2020, p. 122).

A violência policial nas periferias é demasiadamente cruel, e na maioria das vezes tais policiais praticam abuso de autoridade. E os jovens periféricos passam por humilhações como esta, descrita na cena acima, isso quando não são culpados por roubos – como Isaías foi no caso do hotel (Barreto, 2016) – somente por serem negros e morarem nas favelas. De maneira brilhante, o narrador em *Capão Pecado* (Ferréz, 2020) descreve a cena como mais um dia comum na favela de Capão Redondo, batidas policiais e apalpações são comuns, não adianta fugir. Como diz Marcelino Freire ao final da obra, no posfácio intitulado “A volta de Zumbi dos palmares e de Lampião”: “o livro deu uma rasteira bem dada no discurso canônico. No meio literário hegemônico” (Ferréz, 2020, p. 133).

De acordo com Nascimento (2009, p. 45), a literatura marginal “traz à tona certa realidade de espaços e sujeitos marginais, embora produzindo controvérsias, agregou um conjunto de escritores que passou a se identificar com a expressão e a autoatribuir aos seus produtos literários esta ‘marca’”. A literatura que brota das e nas periferias é fundamental porque propõe a escrita de uma realidade existente, por mais que se trate de uma história de ficção esta narrativa não está tão longe dos fatos da realidade do próprio escritor, da de seus colaboradores e até de seu público leitor. E ainda pode ser uma literatura inclusiva, isto é, para o público que está além da zona periférica. Assim, compreendemos, que Ferréz e Lima Barreto por sua linguagem, rebeldia e atitude possuem as ferramentas certas para estarem pousando na mesma estante literária.

Considerações finais

Desde o Romantismo o sistema literário brasileiro anseia pela produção de uma literatura autêntica e nacional, os escritores do período se voltaram para temáticas do ideal nacional, do indianismo, da liberdade formal, da natureza, os românticos também romperam com os modelos clássicos, dentre algumas outras características. Mas, o movimento continuou preso a uma estrutura estética quanto à linguagem utilizada nos textos literários, à culta falada por uma minoria de intelectuais. Na atualidade temos a literatura marginal e, por se afastar do cânone fica à margem, haja vista é produzida por indivíduos periféricos e, principalmente para os que vivem nestes espaços, para mostrar que eles não estão invisíveis.

²Gíria usada para designar policiais.



A diversidade literária é muito mais importante do que a defesa de um padrão literário elevado, é preciso acabar com a ideia do que é bom ou ruim. O melhor e mais cabível é reconhecer um leque de possibilidades, de representações sensíveis. Uma literatura que irá tratar de uma única classe social como meio produtor de literatura vai ao final do processo estreitar os horizontes sociais e a compreensão de mundo, haja vista estará excluindo inúmeras vozes e lugares de representações que se encontram invisíveis e que precisam de visibilidade (Rosa; Guedes; Leite, 2019).

Lima Barreto e Ferréz estão separados fisicamente pelo tempo, todavia se encontram ligados pelo modo como escrevem literatura, com linguagem coloquial e com personagens que não são burgueses, brancos e ricos, criados para apreciação da sociedade elitizada. Seus personagens são negros, pobres e que buscam por meio da resistência enfrentar um sistema discriminatório e desigual. Ao propormos aqui o objetivo de estabelecer uma análise comparativa entre os escritores Lima Barreto e Ferréz, a partir das obras *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* (Barreto, 2016) e *Capão Pecado* (Ferréz, 2020), dos respectivos autores, percebemos claramente que ambos preconizam dar voz aos marginalizados, os que não têm nem vez na sociedade.

Lima Barreto morreu jovem, aos 41 anos. Em seu tempo sua obra não foi devidamente reconhecida, hoje é considerado um grande escritor e que produziu textos essenciais estando ao lado de nomes como Machado de Assis. Ferréz atualmente está mais velho que Lima e mesmo produzindo sua literatura marginal que não é bem-vista pela “grande literatura”, tem sua obra reconhecida e traduzida para vários idiomas, porque ele é um rebelde que não se cala, é um Lampião da periferia como diz Marcelino Freire no posfácio de *Capão Pecado*.

A obra de Lima Barreto e Ferréz são suas armas de enfrentamento, suas lutas são a resistência. No caso de Lima que não está mais vivo, esta resistência fica a encargo de seus propagadores, visionários que veem em seus escritos um autor completo e, por ter escrito em tom popular, humorístico e satírico foi esquecido pelo cânone, pois não se encaixava na linguagem da “alta literatura”. Ao passo, em que Ferréz se opõe a este sistema literário desigual, ele quer “trampar” e mostrar que a voz da periferia não é invisível, ela está viva e, grita através de cada obra lançada, de cada personagem criado.

Recordações do escrivo Isaiás Caminha (2016) e *Capão Pecado* (2020), são aqueles livros que devemos conservar sempre na nossa estante, bem visíveis e não demorarmos muito em relermos, porque o intervalo de publicação de um para o outro são quase 100 anos e mesmo assim, aqui estamos falando, ainda, sobre o quão é ruim a discriminação racial, social e literária. ousa afirmar que, se estivesse vivo, hoje Lima Barreto estaria chocado. Mudou alguma coisa entre sua época e a de Ferréz? Sim. Totalmente? Não.

Referências

BARBOSA, F. de A. **A vida de Lima Barreto: 1881-1922**. 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BARBOSA, J. A. O cânone na história da literatura brasileira. **Organon**, Porto Alegre, v. 15, n. 30/31, p. 17-31, 2012. DOI 10.22456/2238-8915.29708.



BARRETO, L. Recordações do escrivão Isaías Caminha. In: BARRETO, L. **Lima Barreto completo I: sátiras e romances completos**. Curitiba: Editora DC, 2016. *E-book*. Disponível em:

<https://www.amazon.com.br/Lima-Barreto-Completo-Completo-Bruzundangas-ebook/dp/B01JH39BPK>. Acesso em: 21 maio 2022.

BLOOM, H. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Tradução de Manuel Frias Martins. 5. ed. Rio de Janeiro: Círculo de Leitores, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 6 jul. 2024.

CAMARGO, A. J. **A bagatelização da literatura de Lima Barreto: análise do legado editorial do escritor**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015. Disponível em:

<http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/134223>. Acesso em: 12 ago. 2022.

FERRÉZ. **Capão pecado**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

GINZBURG, J. Cânone e valor estético em uma teoria autoritária da literatura. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 97-111, jun. 2004. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/243>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MUZART, Z. L. A questão do cânone. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 3, p. 85-94, jan. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>. Acesso em: 12 ago. 2022.

NASCIMENTO E. P. do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

ROSA, N. P.; GUEDES, M. de Q. de P.; LEITE, M. A. A literatura marginal periférica e o cânone literário. **Navegações**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, jul./dez. 2019. DOI:

<https://doi.org/10.15448/1983-4276.2019.2.35099>.

SUGAYAMA, S. **Ferréz: produção material e cultural na quebrada**. 2019. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4660>. Acesso em: 12 ago. 2022.

